

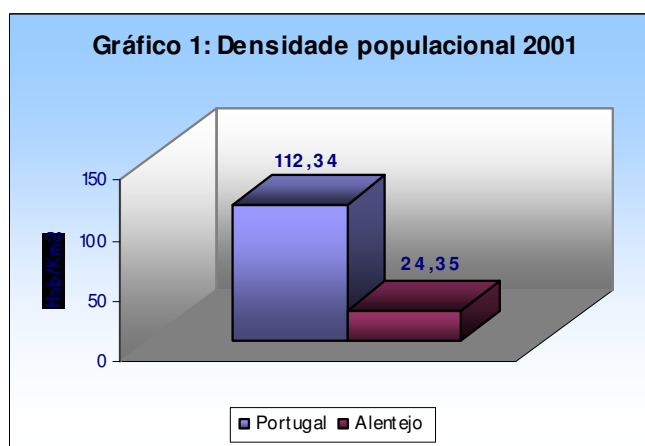
# ASPECTOS FUNDAMENTAIS DE CARACTERIZAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA DA REGIÃO ALENTEJO

## Principais linhas de evolução e transformação da paisagem social e económica regional

### População

A região Alentejo, inserida no contexto português é facilmente reconhecida pela sua condição periférica face ao total do volume social e económico do país.

Constituindo-se como a maior região de Portugal, estendendo-se por uma superfície de 31.384Km<sup>2</sup>, o Alentejo é simultaneamente a região com menor densidade populacional: apenas 24.35 habitantes por Km<sup>2</sup> (por contraste a 112.34 no país), residentes, na sua maioria, em lugares até 5000 habitantes.



Fonte: INE, Censos 2001

Tendo em consideração o **Quadro 1**, verifica-se que entre as cinco sub-regiões que compõem a NUT Alentejo, o Baixo Alentejo destaca-se por apresentar a maior extensão de área territorial, 8503,8 Km<sup>2</sup>, e a menor densidade populacional, de 15,5 habitantes por Km<sup>2</sup> no ano de 2002. É de destacar igualmente a nova sub-região que integra o Alentejo, a Lezíria do Tejo, que apresenta características intrínsecas ligeiramente diferentes das restantes NUTS III, sendo de destacar que, apesar de apresentar uma área total inferior a todas as outras, apresenta uma densidade populacional equivalente a 57 habitantes por km<sup>2</sup>.

Quadro 1 - Indicadores Genéricos

DESIGNAÇÃO DO INDICADOR	VALOR								UNIDADE	PERÍODO
	Baixo Alentejo	Alentejo Litoral	Alto Alentejo	Alentejo Central	Lezíria do Tejo	Alentejo I <sup>1</sup>	Alentejo II <sup>2</sup>	Portugal		
Área Total (ni1100)	8503,77	5244,24	6230,15	7233,56	4271,88	27211,71	31483,60	91946,69	km <sup>2</sup>	2003
Freguesias	83	41	86	91	91	301	392	4257	n <sup>o</sup>	2003
Densidade Populacional (ni1100)	15,48	18,69	19,79	23,63	57,15	19,69	24,39	113,19	hab/km <sup>2</sup>	2002
População Residente HM, em 2001	135105	99976	127026	173646	240832	535753	776585	10356117	indivíduos	2001
População Residente H, em 2001	66651	50037	61462	84246	116914	262396	379310	5000141	indivíduos	2001
População Presente HM	133685	97042	124133	171673	234363	526533	760896	10148259	indivíduos	2001
População Presente H	65847	48635	59638	82863	112969	256983	369952	4862699	indivíduos	2001
População Residente HM, em 1991	143020	98519	134607	173216	232969	549362	782331	9867147	indivíduos	1991
População Residente H, em 1991	70390	49080	65237	83974	113030	268681	381711	4756775	indivíduos	1991
Famílias Clássicas Residentes	50032	38212	48564	65449	90230	202257	292487	3650757	n <sup>o</sup>	2001
Famílias Institucionais	78	44	84	111	94	317	411	3876	n <sup>o</sup>	2001
Alojamentos Familiares - Total	80373	59752	76049	89497	116989	305671	422660	5046744	n <sup>o</sup>	2001
Alojamentos Familiares - Clássicos	80098	59452	75789	89200	116371	304539	420910	5019425	n <sup>o</sup>	2001
Alojamentos Familiares - Outros	275	300	260	297	618	1132	1750	27319	n <sup>o</sup>	2001
Alojamentos Colectivos	236	156	156	253	180	801	981	8178	n <sup>o</sup>	2001
Edifícios	70987	46926	64554	73972	93507	256439	349946	3160043	n <sup>o</sup>	2001

Fonte: INE, "Retratos Territoriais", 2004

Em conformidade com os diferentes censos, nas últimas quatro décadas a região tem sido caracterizada por uma perda demográfica substancial, essencialmente marcante no Baixo Alentejo e no Alto Alentejo. Em 2001 e, de acordo com os resultados dos censos, a dimensão volumétrica da população alentejana, em comparação com a realidade do país, correspondeu apenas a 7.5% do total dos efectivos populacionais do país. Entre 1991 e 2001, a região perdeu 5.746 habitantes, o que corresponde a uma taxa de variação de -0.73%. Esta variação negativa contrasta com a média nacional, que registou uma variação positiva de 4.96%. Apenas 15 concelhos (num total de 58) conseguiram aumentar a respectiva população residente, consequência essencialmente de saldos migratórios positivos (com um aumento de cerca de 1.5% de 1991 para 2001 no Alentejo), mantendo-se o saldo natural tendencialmente negativo.

Esta situação de perda populacional deve-se ao envelhecimento da população, ao êxodo rural das zonas rurais para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida e ao tipo de ocupação dos solos, predominantemente agrícola, com especial destaque para o latifúndio e para a

<sup>1</sup> Alentejo I – consideradas as NUTs III Baixo Alentejo, Alentejo Litoral, Alto Alentejo e Alentejo Central (utilização em todo o documento)

<sup>2</sup> Alentejo II – consideradas as NUTs III Baixo Alentejo, Alentejo Litoral, Alto Alentejo, Alentejo Central e Lezíria do Tejo (utilização em todo o documento)

utilização de técnicas agrícolas que têm vindo a limitar a utilização de parcelas de terreno contribuindo para a desertificação.

O índice de envelhecimento da população alentejana (2001), apesar de acompanhar a tendência de crescimento nacional, é bastante acentuado (163) e consideravelmente superior face à média nacional (102) e à média da UE25 (92). O peso da população envelhecida na estrutura etária da região tem de facto vindo a acentuar-se ao longo da última década, em consequência do aumento da esperança de vida e da manutenção de níveis de fecundidade abaixo do limiar de substituição de gerações. Ao nível intra-regional, são as NUTs III do Alto Alentejo e do Baixo Alentejo as que apresentam estruturas etárias mais envelhecidas.

### **Recursos Humanos**

Esta estrutura demográfica tem naturalmente reflexos ao nível dos recursos humanos, essencialmente na capacidade de renovação da quantidade e qualidade dos mesmos.

Ao predomínio de pessoas residentes habilitadas com apenas o primeiro ciclo (mais de 40% em 2002), contrapõe-se uma reduzida percentagem de população residente com ensino médio e superior (inferior a 10% em todas as sub-regiões alentejanas). Esta realidade, apesar de acompanhar a tendência nacional, destaca-se no entanto pelo facto de ser a região onde é menor a percentagem de população com habilitação média ou superior. Este facto, aliado ao elevado nível de envelhecimento, torna naturalmente débil a região Alentejo, do ponto de vista do capital humano.

Contudo, uma análise dos dados ao nível da frequência do ensino superior (independente do local de residência), permite constatar uma aproximação da região à média nacional, registando-se a este nível um aumento significativo da frequência de alunos na última década e, conseqüentemente algum reforço na capacidade de atracção da região.

Em 2001, as áreas de estudo com maior frequência de alunos no ensino superior no Alentejo eram: “Formação de Professores e Ciências de Educação”, “Saúde”, “Letras e Ciências Religiosas” e “Comércio e Administração”. De salientar o facto das áreas “Formação de Professores e Ciências de Educação” e “Agricultura, Silvicultura e Pescas” apresentarem maior representatividade face aos valores nacionais.

### **Indicadores Sociais**

Outros indicadores de índole social despertam a atenção pela sua expressividade negativa. É o caso da taxa de analfabetismo que, apesar de apresentar uma redução na última década (de 20.2% para 16%), mantém-se no entanto bastante discrepante face à média nacional (9% em 2001). De salientar igualmente a manutenção de uma maior incidência desta taxa nas mulheres, aspecto relacionável tanto com o envelhecimento demográfico da região (as gerações mais velhas são tendencialmente menos escolarizadas) como com a maior proporção de mulheres idosas face ao total da população residente. De referir ainda que apenas as NUTs III Alentejo Central e Lezíria do Tejo apresentam valores abaixo da média regional (14.8% e 13% respectivamente), sendo ainda bastante elevada a taxa nas 3 restantes NUTs III. **(Quadro 2)**

**Quadro 2 - Indicadores Sociais**

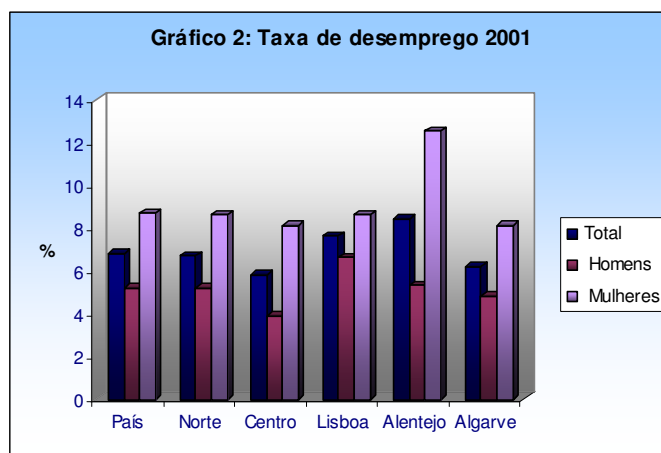
DESIGNAÇÃO DO INDICADOR	VALOR								UNIDADE	PERÍODO
	Baixo Alentejo	Alentejo Litoral	Alto Alentejo	Alentejo Central	Lezíria do Tejo	Alentejo I	Alentejo II	Portugal		
Médicos por 1000 habitantes	1,6	0,9	2,4	1,9	1,6	1,8	1,7	3,24	nº	2002
Farmácias por 10.000 habitantes	3,2	3,2	3,6	3	3	3,2	3,2	2,47	nº	2002
Hospitais Oficiais	2	1	2	2	1	7	8	122	nº	2001
Hospitais particulares	--	--	2	1	--	3	3	95	nº	2001
Taxa média de mortalidade infantil no quinquénio	4,57	6,01	4,48	3,61	4,53	4,56	4,49	5,43	permilagem	1998/2002
Taxa de analfabetismo HM, em 1991	23,30	24,20	21,90	19,40	16,40	21,80	20,20	11,00	percentagem	1991
Taxa de analfabetismo HM, em 2001	18,20	19,20	17,60	14,80	13,00	17,10	15,90	9,00	percentagem	2001

Fonte: INE, "Retratos Territoriais", 2004

### **Emprego e Estrutura Produtiva**

Relativamente à estrutura da população activa da região, constata-se que, em 2001, os grupos etários com maiores proporções de activos e empregados eram dos 25 aos 44 anos, sendo a este nível mais representativa a população masculina do que feminina.

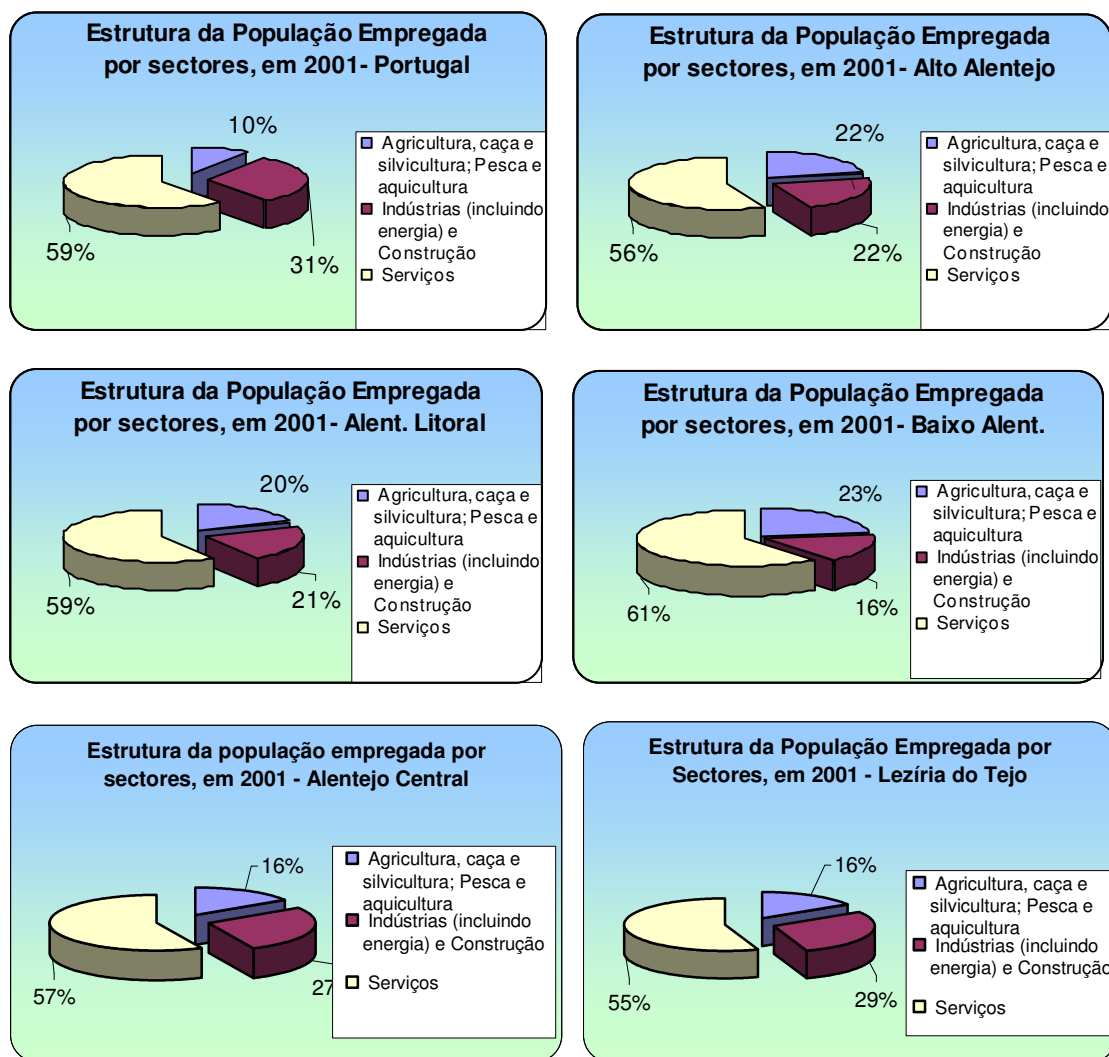
O Alentejo tem mantido uma taxa de actividade abaixo da média nacional nos últimos anos, (inferior em 2.7% em 2001) e, paralelamente, uma taxa de desemprego sempre superior à média nacional (superior em 1.6% em 2001) constituindo-se quer em 1991, quer em 2001 (Censos) como a mais elevada do país, com particular destaque para a taxa de desemprego feminina que atinge em 2001 os 12.5%. A nível territorial a sub-região Baixo Alentejo é aquela que atinge maior expressividade no contexto regional com uma taxa de desemprego que atinge os 11.5% em 2001. **(Quadro 3 em anexo)**



Fonte: INE, Censos 2001

Em 2001, o sector dos serviços é aquele que mais absorve população empregada residente no Alentejo e, face à estrutura nacional, é de destacar uma maior proporção de emprego no sector primário e nos serviços de natureza social a par de uma menor proporção na Indústria.

**Gráfico 3 – Estrutura da População Empregada por Sectores - 2001**



Fonte: Instituto Nacional de Estatística, Contas Regionais

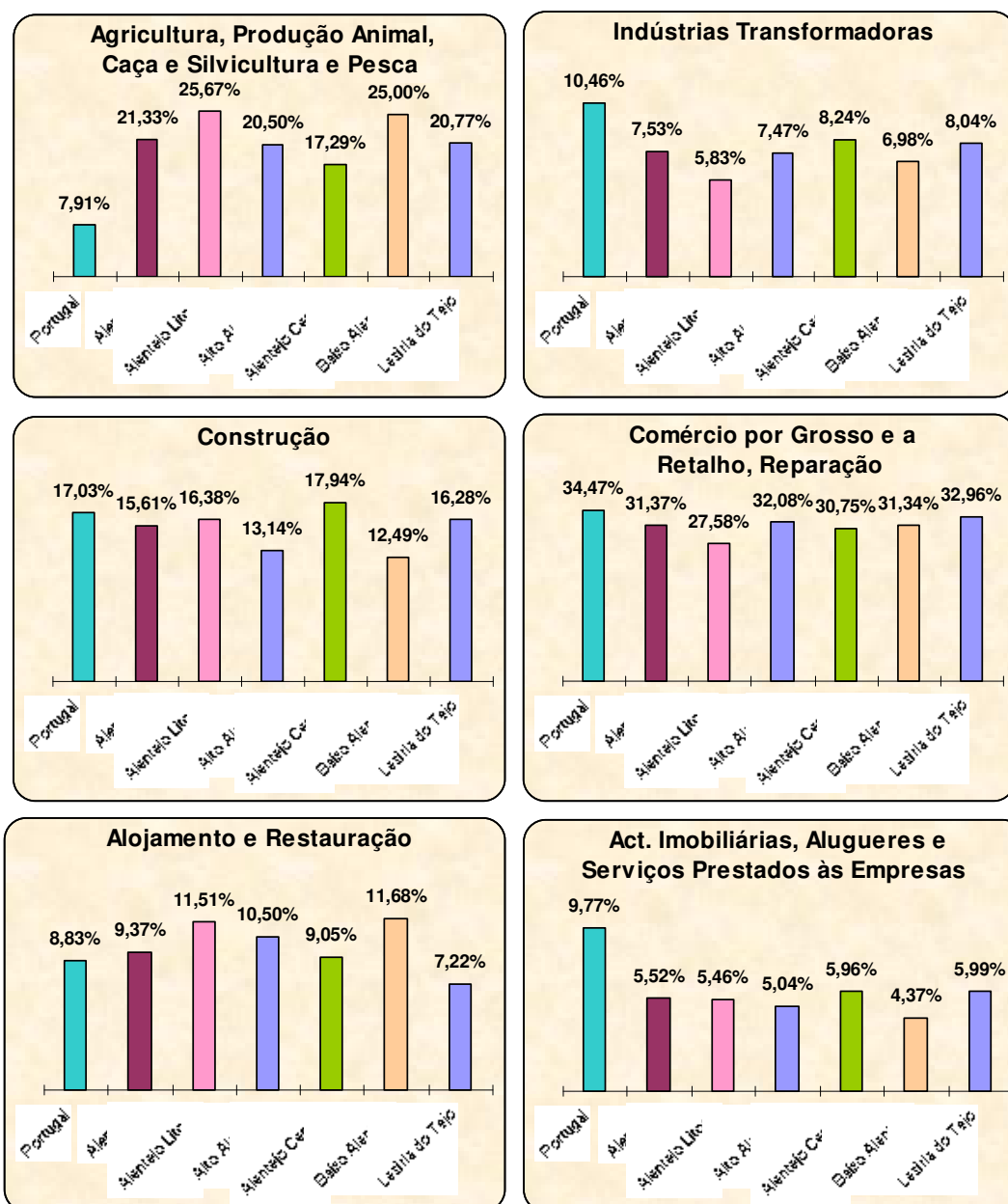
No final de 2002, cerca de 21 em cada 100 empresas sediadas no Alentejo, pertenciam ao sector da Agricultura, produção animal, caça, silvicultura e pesca, contra somente 7.91% em Portugal. (**Gráfico 4**).

Refira-se que no Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, as empresas deste sector constituíam aproximadamente 25% relativamente ao número total de empresas sediadas em cada uma destas sub-regiões, sendo de destacar igualmente a Lezíria do Tejo com manifesta tradição agrícola com valores na ordem dos 20%. Em contrapartida, é de registar um défice de empresas do sector das

Indústrias Transformadoras e mais notoriamente do sector de Actividades Imobiliárias, Alugueres e Serviços prestados às Empresas, comparativamente aos valores nacionais.

Apesar disso, entre 1991 e 2001 o peso do emprego no sector primário decresceu no Alentejo acentuando-se a perda progressiva de importância da base económica tradicional assente na agricultura e pecuária e, paralelamente o terciário social registou um aumento superior relativamente ao aumento registado no resto do país.

**Gráfico 4 - Peso relativo das empresas (em %) sedeadas em Portugal, Alentejo, Alentejo Litoral, Alto Alentejo, Alentejo Central, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo em 31.12.2002, por sector de actividade**



Fonte: INE, Ficheiro de Unidades Estatísticas (FUE), 2002

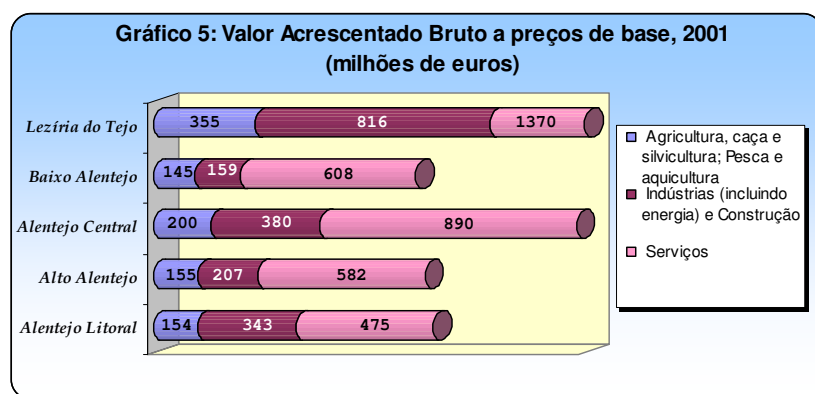
Embora o peso do sector agrícola seja igualmente considerável no Alto Alentejo e Alentejo Litoral, existem ainda outros sectores de grande relevo para as economias locais.

No Alentejo Litoral evidencia-se a concentração de indústria pesada, nomeadamente a indústria petroquímica situada na faixa costeira de Sines e as actividades associadas ao complexo do Porto de Sines. Para além disso, as actividades turísticas auferem de uma crescente representatividade.

Por sua vez, no Alto Alentejo para além das actividades vitivinícolas, de criação de gado e outras actividades do sector primário, o dinamismo económico é fortemente ancorado em alguns sectores-chave como as indústrias agro-alimentares de transformação de carnes, de produção de queijos, de produção de vinhos, etc. A indústria corticeira, as actividades turísticas, o artesanato, entre outras, destacam-se igualmente não só pelo número de empresas que agregam como também pelos montantes facturados.

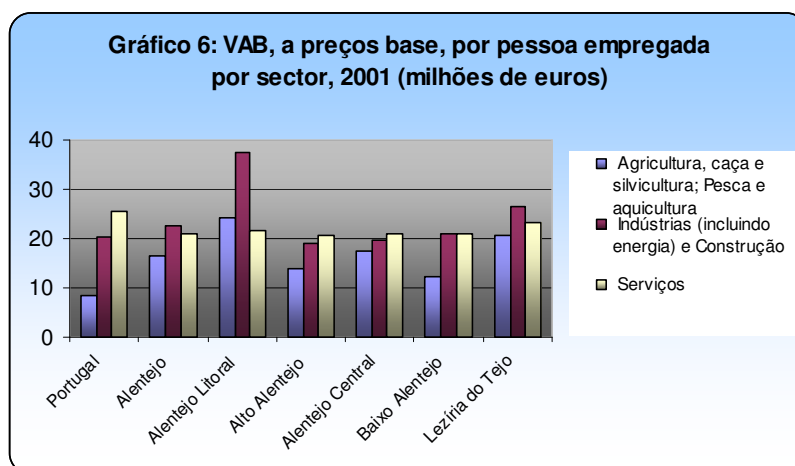
Em termos dos resultados produzidos por estes sectores, verifica-se que o valor médio de facturação expresso pelo volume de vendas por sociedade sedeada nesta sub-regiões é inferior ao valor nacional (**Quadro 3 em anexo**), significando que cada sociedade sedeada no Alentejo tem um valor médio de produção/prestação de serviços facturado, em milhares de euros, inferior à média nacional. Este valor é no entanto, superior no Alentejo Litoral comparativamente às regiões do Baixo Alentejo, Alentejo Central e Alto Alentejo, podendo este resultado ser justificado pela presença da indústria pesada de Sines.

No cômputo total das empresas existentes, o Valor Acrescentado Bruto, por agregado sectorial, apresenta-se da seguinte forma:



Fonte: INE, Contas Regionais, 2001

O Valor Acrescentado Bruto por pessoa empregada, permite aferir os índices de produtividade a nível nacional e para as cinco sub-regiões do Alentejo. Nesta matéria, os resultados obtidos revelam que as empresas alentejanas não estão muito distantes das suas congéneres nacionais. Da análise do Gráfico 3, salienta-se ainda que comportamento das empresas alentejanas é bastante favorável nos sectores da agricultura e menos visível no sector dos serviços.



Fonte: INE, Contas Regionais, 2001

Por último e, segundo os dados das “Contas Regionais” do INE, o PIB per capita, em 2001, era de apenas 9 milhares de euros no Alentejo sendo a sub-região do Baixo Alentejo a que apresentava o valor mais baixo (8,1 milhares de euros), o que aponta para um significativo distanciamento face aos valores médios para o país.

**Quadro 4: PIB per capita - 2001**

NUTS	2001
	Milhares de €
<b>Portugal</b>	<b>11,9</b>
<b>Alentejo I</b>	<b>9,6</b>
<b>Alentejo II</b>	
Alentejo Litoral	11,3
Alto Alentejo	9,0
Alentejo Central	10,3
Baixo Alentejo	8,1
Lezíria do Tejo	11,5

**Fonte:** INE, Contas Regionais.

**Notas:** Dados provisórios.

As variáveis expressas em unidades monetárias são apresentadas a preços correntes.

As contas regionais foram elaboradas em Escudos e convertidas no final em Euros através da taxa de conversão fixa 1 EURO=200,482 PTE - de acordo com o regulamento (CE) nº 2866/98.

Sumariamente, traçam-se algumas das características detectadas para a sub-regiões alvo:

- Desertificação das áreas rurais;
- Índice de envelhecimento da população muito elevado, com especial expressão nas sub-regiões Alto Alentejo e Baixo Alentejo;
- Debilidades na capacidade de renovação e fixação ao nível dos recursos humanos, apesar do registo de um aumento significativo da frequência do ensino superior na região;

- Elevada taxa de desemprego, superior à média nacional, com especial expressão na sub-região Baixo Alentejo e particularmente marcante na população com baixos níveis de escolaridade, na população rural e na população feminina;
- Baixo nível de qualificações da população activa;
- Elevada concentração económica nas capitais de distrito, sobretudo nos concelhos de Évora, Beja, Portalegre e Sines;
- Excessivo peso do sector agrícola, que é fortemente dependente das ajudas estatais e fortemente susceptível às condições climatéricas/ambientais, apesar da perda progressiva da sua importância;
- Reduzida expressão do sector secundário com número reduzido de empresas;
- Carências em matéria dos serviços de apoio às empresas;
- Elevado número de empresas familiares e de empresas na forma jurídica de empresários em nome individual, com uma reduzida dimensão;
- Forte dependência do sector público, considerado um dos sectores mais importantes enquanto sector empregador.

# Anexos

**Quadro 3 - Actividade Económica**

DESIGNAÇÃO DO INDICADOR	VALOR								UNIDAD E	PERÍODO
	Baixo Alentejo	Alentejo Litoral	Alto Alentejo	Alentejo Central	Lezíria do Tejo	Alentejo I	Alentejo II	Portugal		
Capacidade de Alojamento dos Estabelecimentos Hoteleiros	1102	2810	1381	2248	891	7541	8432	239903	lugares	2002
Dormidas em Estabelecimentos Hoteleiros (ni6)	123846	300095	178827	301340	94478	904108	998586	34208968	nº	2002
Taxa de Ocupação dos Estabelecimentos Hoteleiros (ni6)	30,96	28,51	32,29	37,60	29,77	33,1	31,95	41,08	percentagem	2002
Estada Média por Hóspede em Estabelecimentos Hoteleiros (ni6)	1,66	2,34	1,36	1,38	1,54	1,8	1,63	3,24	noites	2002
Empresas com Sede na Região	13.562	12.123	12.667	18.621	30.553	56973	87.526	1085004	nº	31-12-2002
Sociedades Sediadas (ni1105)	2119	2017	2579	3990	7123	10705	17828	312000	nº	31-12-2002
Sociedades do Sector Primário (ni1105)	19,25	14,08	15,39	14,51	12,00	14,78	14,15	2,76	percentagem	31-12-2002
Sociedades do Sector Secundário (ni1105)	18,07	21,67	20,32	21,70	23,46	21,45	21,77	26,66	percentagem	31-12-2002
Sociedades do Sector Terciário (ni1105)	62,67	64,25	64,29	63,78	64,54	63,77	64,08	70,58	percentagem	31-12-2002
Volume de Vendas nas Sociedades Sediadas (ni1105)	826606	1116979	1067574	1871752	5051324	4882911	9934235	277104797,5	milhares de euros	31-12-2001
Bancos, Caixas Económicas e Caixas de Crédito Agrícola Mútuo (ni66)	70	48	82	105	130	305	435	5538	nº	2002
Depósitos em Bancos, Caixas Económicas e Caixas de Crédito Agrícola Mútuo (ni66)	1054707	823373	1018735	1366074	1726487	4262890	5989378	128698660,8	milhares de euros	2002
Crédito Concedido por Bancos, Caixas Económicas e Caixas de Crédito Agrícola Mútuo	936626	853018	883164	1513686	2176519	4186495	6363014	220489100,1	milhares de euros	2002
Crédito Hipotecário Concedido a Particulares	141795	109547	156292	206954	300719	614589	915308	16289491,5	milhares de euros	2002

Obras Concluídas - Total de Edifícios (ni106)	908	765	883	1037	2115	3593	5708	60271	nº	2002
Obras Concluídas - Edifícios para habitação	726	621	687	854	1640	2888	4528	50764	nº	2002
Licenças Concedidas para Construção de Edifícios (Construções Novas)	764	695	623	1024	1831	3106	4937	(102) 48362	nº	2002
Licenças Concedidas para Construção de Edifícios para Habitação (Construções Novas)	580	588	457	817	1344	2442	3786	(102) 40578	nº	2002
Consumo Doméstico de Electricidade por Consumidor (ni145)	1,9	2,1	2,0	2,5	2,5	8,4	2,2	2,31	milhares de kWh	2002
Consumo Industrial de Electricidade por Consumidor (ni145)	83,3	497,9	59,1	58,7	91,9	698,9	128,1	102,30	milhares de kWh	2002
Taxa de Actividade HM, em 1991	38,8	41,9	39,0	43,8	44,3	41,0	42,0	44,60	percentagem	1991
Taxa de Actividade HM, em 2001	42,5	45,4	42,2	46,5	48,1	46,6	45,4	48,20	percentagem	2001
Taxa de Desemprego HM, em 1991	14,3	9,0	8,3	9,2	7,1	10,2	9,2	6,10	percentagem	1991
Taxa de Desemprego HM, em 2001	11,5	9,8	8,1	6,2	8,1	6,6	8,4	6,80	percentagem	2001